

Métodos da Historiografia Literária

JOSÉ COUTO VIEIRA PONTES - *escritor e historiador, Cadeira nº 11 da ASL*

Diversos são os métodos eleitos pelos autores que integram a historiografia literária. Há o método cronológico, o histórico, o sistemático, o pedagógico, etc. No Brasil, a obra clássica é a “História da Literatura Brasileira”, de Silvio Romero, que adotou o método sociológico. Ampla e bem documentada, ficou tristemente célebre por ter negado a Machado de Assis o seu incontestável valor. Do mesmo modo importante é a obra de José Veríssimo, que tem o mesmo título. No entanto, o historiador de Óbidos, adotando o método objetivo, procurava focalizar menos o autor do que a sua obra.

Mas o momento de esplendor da historiografia literária brasileira foi alcançado pela “Pequena História da Literatura Brasileira”, de Ronald de Carvalho. Concisa, interpretativa tanto do ponto de vista histórico e geográfico como do étnico e sociológico, mereceu elogios, como o de Medeiros de Albuquerque, que, depois de afirmar que a obra só é “pequena” no nome, assevera: “Ronald tem esta primeira originalidade, entre os nossos grandes historiadores da literatura nacional: é o primeiro que sabe escrever. O seu estilo é claro e harmonioso”.

Portanto, escrito em 1919, o livro de R. Carvalho apresenta o mérito de ser claro, inimigo de generalizações, discreto, o que lhe confere a posição de precursor do movimento renovador de nossas letras, iniciado em 1922 com a Semana de Arte Moderna. São, ainda, dignas de destaque a história literária brasileira de Nelson Werneck Sodré, examinada à luz da economia política; “A Literatura no Brasil”, de Afrânio Coutinho, focalizando novos ângulos da literatura brasileira; e Antônio Cândido, também



Obra clássica de Silvio Romero

“No Brasil, a obra clássica é a ‘História da Literatura Brasileira’, de Silvio Romero...”

renovando os métodos da historiografia à luz de novas realidades.

Uma das melhores histórias da Literatura Norte Americana, a de Ludwig Lewisohn, ado-

ta o método psicológico, censurando evidentemente o cronológico, ao argumentar que o desenvolvimento humano não é uniforme, pois que cada período está mesclado pela supervivência de outros, produzindo-se, de tempos em tempos, retrocessos.

Em nossos dias, não mais a história literária se filia a princípios rígidos ou dogmáticos. A liberdade de análise e pesquisa é a mais ampla e individual possível. Antoine Adam, Georges Lerminier e Édouard Morot-Sir, na introdução à “Literatura Francesa”, de 1967, admite: “A história literária, sobretudo hoje, pode ser compreendida de múltiplas maneiras. Alguns se preocupam, antes de tudo, em destacar a essência poética das obras, sejam romances ou peças de teatro. Outros se dedicam ao seu conteúdo de pensamento. Outros, ainda, se esforçam em situá-las no contexto social”.

Wilson Martins, crítico literário paulista, escrevendo a respeito de Afrânio Coutinho, salienta que não há prevalência de um método ou processo sobre outro, seja ele historicista, da “nova crítica”, estético, cronológico ou político. E afirma, então: “É a diversidade transitória dos julgamentos que configura a imagem dos escritores e das obras para além das contingências circunstanciais que os motivaram; cada obra e cada crítico são realidades históricas e não se podem libertar da conjuntura que os envolve”. A fortuna crítica de um autor não reflete apenas as oscilações do gosto e a sucessão das teorias que as determinaram; imaginar, por consequência, que, em qualquer momento, a crítica pode ser “científica” ou “estética” é tornar por absolutas e invariáveis as noções de “estético” e de “científico” que são em si mesmas relativas e históricas.

Sobre poesia

OSWALDO BARBOSA DE ALMEIDA - *Cadeira nº 3 da ASL*

Texto atualizado, publicado originalmente em 26/6/2014

Uma de minhas maiores frustrações é a incapacidade de escrever poesia. Por mais que tente, nada consigo produzir. Falta inspiração. Falta de talento, mesmo. Tenho enorme admiração pelas pessoas capazes de criar textos com qualidade, dentro de métricas e rimas perfeitas, transmitindo sonhos, paixões, ideais, aventuras, etc. Essas reflexões vêm a propósito de algo ocorrido comigo recentemente: num curto espaço de tempo fui contemplado com nada menos que três importantes obras poéticas, de reconhecidos autores aqui de nossa terra.

A primeira delas veio como presente de um amigo de longa data, o consagrado “poeta-violeiro”, como ele se intitula, Geraldo Ramon Pereira, integrante da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e autor de uma diversificada obra literária composta de poesias, contos, crônicas e romances. Geraldo também se destaca na música, compondo

e interpretando peças regionais, com dois discos gravados. A obra com que me brindou denomina-se “Auroras e Crepúsculos – Espectros Poéticos em Sonetos”. Essa forma poética, o soneto, é sua especialidade, porque, entre outros motivos, diz ele, “redunda na mais incitante e mais perfeita das formas poéticas, a despeito de ser também a mais difícil...”, pois, “soneto é uma gaiola de aço aprisionando pássaros de ouro”!

Na sequência, veio-me a segunda coletânea poética, em memorável lançamento ocorrido na sede do Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea-MS). Seu autor é o também integrante da Academia, o artista Rubenio Marcelo, poeta, escritor, compositor, palestrante, com dez livros publicados e dois discos gravados. Trata-se do notável “Veleiros da Essência”, com oitenta poemas, através dos quais o poeta navega pelos clássicos, com belos sonetos, e pela poesia moderna ou experimentalista. Melhor deixar com quem entende da arte poética: a obra é um “desafio ao discernimento do leitor, que agora não sabe o que mais admirar: se a perfeição do poeta que domina a forma clássica, ou se a riqueza poética – tanto es-

tética, como sob o ponto de vista filosófico, metafísico, social e humano – que permeia toda sua obra modernista em versos livres” (Geraldo Ramon Pereira).

O mais recente regalo recebi do amigo Sebastião de Oliveira Barbosires, com suas “Mensagens Poéticas Cordelistas”, na obra “De A a Z em Versos”, onde o autor desfila grande repertório poético, numa obra simples e despretensiosa, porém rica em sentimentos, demonstrações de amizade, amor ao próximo, exaltação da virtude, etc. “O livro, com mais de duzentas poesias, mostra [...] o encanto extraordinário da natureza, o toque refinado do lirismo, os belos caminhos do romantismo, recheados de profundo sentimento humano” (Reginaldo Alves de Araújo, então presidente da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras). Barbosires, como é conhecido, é paraibano e veio para Mato Grosso, iniciando sua carreira jornalística em Cuiabá, e depois para Campo Grande, onde foi, entre tantas outras atividades, vereador por dois mandatos.

Sou grato aos três amigos por me proporcionarem momentos de enlevo e meditação com seus belos e marcantes versos.

Eles eram muitos cavalos

RAQUEL NAVEIRA - *Cadeira nº 8 da ASL*

Cavalo é um ente maravilhoso. Cheio de força e rapidez, saltitante como sangue nas veias, impetuoso como o desejo. No poema “Dos Cavalos da Inconfidência”, assim os descreve Cecília Meireles:

“Eles eram muitos cavalos,/Ao longo dessas grandes serras,/De crinas abertas ao vento,/a galope entre águas e pedras.//Eles eram muitos cavalos,/donos dos ares e das ervas,/com tranquilos olhos macios,/habitados às densas névoas,/aos verdes prados ondulados,/às encostas de árduas arestas,/à cor das auroras nas nuvens,/ao tempo de ipês e quaresmas.//Eles eram muitos cavalos/nas margens desses grandes rios/por onde os escravos cantavam/músicas cheias de suspiros.//Eles eram muitos cavalos/e guardavam no fino ouvido/o som das catas e dos cantos,/a voz de amigos e inimigos,/– calados, ao peso da sela,/picados de insetos e espinhos,/desabafando o seu cansaço/em crepusculares relinchos”.

Imagino aqueles muitos cavalos das terras de Vila Rica: cavalos mágicos, saídos das trevas; cavalos brancos como o instinto sublimado; cavalos tenebrosos; cavalos negros, arautos da morte; cavalos alvacentos e pálidos como fantasmas; cavalos-demônios; cavalos majestosos como reis. O destino dos cavalos é inseparável do destino dos homens. Cavalo e cavaleiro, quando em conflito, correm para a loucura; quando em sintonia e concordância, alcançam o triunfo. “Eles eram muitos cavalos” supõe também muitos cavaleiros que rolaram pelos precipícios do tempo.

Inspirado por esse verso de Cecília, Luiz Ruffato escreveu o romance “Eles Eram Muitos Cavalos”, que recebeu vários prêmios, como o Machado de Assis, da Biblioteca Nacional, e o da Associação Paulista de Críticos de Arte, como melhor romance de 2001.

O livro mostra estilhaços de vidas que compõem a realidade caleidoscópica da metrópole que é São Paulo. Uma cidade marcada pela diversidade humana, fragmentada como um mosaico de gente, pulverizada na dor e na an-

gústia humanas. Desfilam diante de nossos olhos transeuntes anônimos, casais desfeitos, crianças roídas por ratos, vendedores, velhos sem rumo, pedintes, ambulantes, vendedores, assaltantes, sequestradores, motoristas, pregadores, todos marchando pelas trilhas e trilhos da enorme cidade engolidora de cavalos e cavaleiros.

Os personagens não se encontram, não se tocam, escorrem pelas ruas, onde ninguém se importa com ninguém. Para Ruffato, o homem é o cavalo na sua brutalidade, na sua vocação bestial para rebanho desgarrado. Cavalos caídos por aí, batendo os cascos no cimento das calçadas, lutando ferozmente pela sobrevivência, cumprindo seu duro serviço. Cavalos que não têm consciência da proximidade da morte e não sabem de seu exílio nesta Terra.

Eles eram muitos cavalos. Eles eram muitos cavalos. Muitos cavalos... Repito à exaustão. De repente, num transe, monto um cavalo branco e saio, galopando, por uma floresta escura, sob a luz do luar.

+POESIAS

Espelho

ah
este espelho reflete-me em cada traço
cada gesto
cada cor...
na sala, no quarto, no banheiro,
ei-lo sisudo
a
mostrar-me
o semblante
de cada dor.

há
umador quemereflète em cada
espelho
cada sestro
sem compasso.
na sanha da refrega, trafega
sobre tudo
a
prostrar-me
invigilante
em cada passo.

RUBENIO MARCELO

Metade

Metade eu seja flor... metade espinho;
Seja metade amor... outra desdém;
Metade seja açoite... outra carinho;
Metade eu seja eu... outra ninguém.

Metade droga... uma metade vinho;
Seja eu a metade de um refém,
Quiçá metade de nenhum caminho,
Ou metade de um perto tão além...

Embora me sentindo assim metades
De presentes, futuros e saudades,
Não creio na razão nem no por quê.

Só acredito, amor, nesta verdade:
Você é minha única metade,
Sou única metade de você!

GERALDO RAMON PEREIRA

Das Utopias

não mais o padecimento
nem masmorras, nem calabouços
a tristeza da ignorância
não mais
exílios, cisão, fronteiras
discórdia, fração!
não mais
o partível tronou-se uno
o tirano, benigno
a adversidade, prostrada
a destruição, vencida
o vento trouxe a notícia:
o mundo voltou às origens.

ANA MARIA BERNARDELLI

Pécora

Livrou-se do vestido mecanicamente.
As lingerie eram pobres como sua sintaxe.
Entregou-me o corpo
Com uma luxúria de esmaecido verniz.
A alma? Guardou-a para si
Murmurando frases emudecidas.
A vida?
Irremediavelmente perdida.
Minha quimera, sussurrou,
é o relho pelo lado do cabo.
Foi só o que deixou
ao levar os meus trocados.

SÉRGIO FERNANDES MARTINS

Haicais

- pureza infantil
precisa ser protegida
sem medida
- quando a luz chega
a sombra se vai.
Não se toleram.
- vazando a cortina
um doce trinado
acorda a manhã

ILEIDES MULLER